

JOGOS PARALÍMPICOS: A EXPERIÊNCIA COM “O OUTRO” ATRAVÉS DAS TELAS

PARALYMPIC GAMES: THE EXPERIENCE WITH “THE OTHER” THROUGH SCREENS

Doralice Lange de Souza¹, Augusto Moreira Marques¹ e Antonio Luis Fermino¹

¹Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil.

RESUMO

O Comitê Paralímpico Internacional, órgãos reguladores do esporte paraolímpico, bem como alguns representantes de cidades/países sedes dos Jogos Paralímpicos, alegam que estes Jogos se constituem em uma importante plataforma para modificar as percepções da sociedade em relação às capacidades das pessoas com deficiência (PCD). Tendo em vista estas alegações, desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de verificar se indivíduos que tiveram contato com os Jogos Paralímpicos mudaram a sua percepção em relação às capacidades das PCD. O estudo foi de cunho qualitativo e exploratório. A coleta de dados foi baseada em entrevistas semiestruturadas desenvolvidas entre abril e julho de 2018. Entrevistamos 50 acadêmicos de diferentes cursos da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Realizamos uma análise temática dos dados e utilizamos a Teoria de Contato entre Grupos (TCEG) como base para a discussão. Os resultados deste trabalho reafirmam a tese da TCEG que postula que tanto o contato direto quanto o indireto com grupos distintos pode servir como uma ferramenta para a diminuição de preconceitos.

Palavras-chave: Teoria do contato. Contato indireto. Jogos Paralímpicos. Deficiência.

ABSTRACT

The International Paralympic Committee, institution that regulates Paralympic sport, as well as some representatives of cities / countries that host the Paralympic Games claim that these Games are an important platform for changing perceptions of society regarding the capabilities of people with disabilities (PwD). Considering these allegations, we developed a research that had as a goal to verify if individuals who had contact with the Paralympic Games changed their perception toward the abilities of PwD. The research was qualitative and exploratory. The data collection was based on semi-structured interviews conducted between April and July 2018. We interviewed 50 academics from different courses at Universidade Federal do Paraná (UFPR). We did a thematic analysis of the data and used the Intergroup Contact Theory (TCEG) for the discussion. The results of this work reaffirm the TCEG thesis that postulates that both direct and indirect contact with distinct groups can serve as a tool to reduce prejudice.

Keywords: Intergroup contact. Indirect contact. Paralympic Games. Disability.

Introdução

São muitos os preconceitos relacionados com as pessoas com deficiência (PCD), negros, índios, homossexuais, travestis, transexuais, participantes de grupos religiosos exóticos, etc., devido às suas supostas “diferenças”. Estes preconceitos, construídos e alimentados a partir de pensamentos distorcidos e negativos em relação a estas pessoas têm levado à sua estigmatização¹.

Dentre os diferentes estudos dedicados ao combate ao preconceito, alguns vem sugerindo que o preconceito contra o outro – seja esse causado por questões étnicas, raciais, sexuais ou suposta falta de capacidade de determinados indivíduos ou grupos de indivíduos – possa ser diminuído através do contato com o outro, ou com grupos de outros². Esta linha de pensamento deu origem ao que vem sendo chamado de “Teoria do Contato entre Grupos” (TCEG). De acordo com esta teoria, o contato pode ser direto ou indireto. O primeiro é aquele que se dá através do convívio pessoal entre indivíduos ou grupos de indivíduos. Já o contato indireto acontece à distância, como por exemplo, por via da intermediação de outras pessoas ou através dos meios de comunicação ou mídias sociais. Segundo pesquisadores da temática,

ambos os contatos diretos e indiretos podem ajudar a reduzir preconceitos existentes entre indivíduos e grupos de pessoas²⁻⁷.

O Comitê Paralímpico Internacional (IPC), órgão que regula o esporte Paraolímpico a nível mundial, bem como alguns autores e organizações ligadas ao esporte paraolímpico, vem alegando que o contato com a imagem e com os feitos esportivos dos atletas paraolímpicos, podem ajudar no sentido da diminuição de preconceitos contra as pessoas com deficiência (PCD)⁸⁻¹³. Embora a divulgação dos JP ainda seja incipiente quando comparada com os Jogos Olímpicos, esta tem tomado força e mais e mais pessoas tem acompanhado os mesmos, potencializando um possível efeito do contato do público – mesmo que de forma indireta – com as PCD. De acordo com dados publicados pelo IPC, os Jogos Paralímpicos de Atenas em 2004 contou com 1,8 bilhões de (tele)espectadores em 80 países diferentes, Pequim, 2008 com 3,8 bilhões de (tele)espectadores em 80 países diferentes e Londres, 2012 com outros 3,8 bilhões de (tele)espectadores de 115 países diferentes, Rio 2016, teve cerca de 4,1 bilhões, em 154 países diferentes¹⁴. Não temos dados confiáveis relativos à extensão da cobertura dos JP no Brasil em específico. Mas um estudo de Santos¹⁵ que verificou a cobertura da Folha de São Paulo a respeito dos JP entre 1992 e 2016 indica que o salto foi de 09 notícias publicadas em 1992 para 114 notícias em 2016. Isto mostra o potencial que a cobertura sobre esta manifestação esportiva possui no país. Neste contexto, tende-se a acreditar que:

“[...] os JP exercem [nós diríamos, poderiam exercer] papel de destaque como meio de colaboração para a transformação de estereótipos, paradigmas e, principalmente, preconceitos em relação às potencialidades e possibilidades de participação social de pessoas com deficiência”¹⁶.

De acordo com o IPC, os atletas “desafiam estereótipos e transformam atitudes, ajudando a aumentar a inclusão por quebrar barreiras sociais e discriminações em relação à pessoa com deficiência”¹⁷ (tradução nossa). Mas será que o fato de as pessoas terem contato, mesmo que indiretamente, com PCD através da mídia pode ajudar a reduzir preconceitos em relação às mesmas? Alguns autores são céticos em relação à esta questão¹⁸⁻²¹. Eles alegam que o enfoque das notícias, grande parte das vezes, tem sido mais na deficiência dos atletas e na suposta história triste de vida deles do que nos seus feitos esportivos. Isto, consequentemente acaba reforçando a ideia de que as PCD são frágeis, “coitadas”, e dignas de pena. Alguns pesquisadores^{19,22,23} também afirmam que uma outra abordagem da mídia que trata o atleta como *supercrip* / “super-herói” também é prejudicial, uma vez que enfatiza mais as histórias de superação das deficiências deles do que os seus feitos esportivos. De acordo com os autores supracitados, dentre outros, a abordagem midiática do esporte paraolímpico tal como exemplificada acima, pode aumentar ainda mais os preconceitos existentes em relação às PCD. Ou seja, na medida em que a mídia define as PCD a partir de suas deficiências e não como seres humanos como quaisquer outros que buscam conquistar os seus objetivos, ela pode estigmatizar ainda mais estas pessoas.

Tendo em vista esta questão, o objetivo deste trabalho foi o de verificar se os indivíduos que tiveram contato com PCD através dos JP mudaram a sua percepção em relação às capacidades destas pessoas. Este estudo é parte de um projeto maior onde exploramos as perspectivas de diferentes interlocutores sobre a temática (intelectuais, pessoas com deficiência, ativistas que militam em prol dos direitos das PCD, dirigentes de instituições esportivas, atletas paraolímpicos e escolares). Para fins deste trabalho mais especificamente, nos focamos apenas nas perspectivas de estudantes de cursos de graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e utilizamos a Teoria do Contato como base para a discussão dos dados.

Métodos

Esta pesquisa se configura como um estudo de cunho qualitativo e exploratório, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPR, CAAE: 55300216.5.0000.0102, parecer número 1.528.437. A coleta de dados foi baseada em entrevistas semiestruturadas desenvolvidas entre abril e julho de 2018.

Participantes

Para fins do presente trabalho, entrevistamos 50 acadêmicos da UFPR. Pretendemos no futuro contrastar as perspectivas deles com a de outros grupos que estamos também entrevistando. Participaram das entrevistas 23 homens (46%) e 27 mulheres (54%) de diferentes cursos: Administração (10); Odontologia (4); Química (3); Economia (3); Pedagogia (2); Enfermagem (3); Direito (1); Terapia Ocupacional (3); Geologia (3); Farmácia (1); Engenharia Civil (3); Educação Física (1); Engenharia Industrial Madeireira (2); Engenharia Cartográfica (1); Engenharia da Produção (1); Engenharia Mecânica (2); Medicina (1); Engenharia Química (1); Biologia (3); Fisioterapia (1); Matemática (1). Dentre os entrevistados, 38 nunca haviam tido contato com pessoas com deficiência e 12 deles haviam tido contato com pelo menos uma PCD em seu meio familiar, trabalho e/ou círculo de amizades. Dentre os que acompanharam os JP através da mídia ou internet, a maioria tinha assistido alguma coisa relacionada com a Natação (17 estudantes) e o Atletismo (10 estudantes). Alguns deles também haviam assistido modalidades como Bocha, Basquete em Cadeiras de Rodas, Vôlei Sentado, Rugby, Remo, Goalball e Futebol de 5.

Procedimentos

Para a realização das entrevistas, abordamos estudantes da UFPR que se encontravam em bancos e gramados da universidade, saída dos restaurantes universitários e corredores de departamentos em três diferentes campi da Universidade: Jardim Botânico, Centro Politécnico e Reitoria. Em um primeiro momento lhes explicávamos o propósito da pesquisa e a seguir, verificávamos se eles se encaixavam nos critérios de inclusão, a saber: 1) pertencer ao corpo discente da UFPR; 2) ter acompanhado, através da televisão as transmissões dos JP, e/ou terem assistido a vídeos das modalidades do evento através de outras mídias (ex. YouTube, Facebook). Caso a resposta fosse positiva, pedíamos a permissão do indivíduo para áudio-gravar a entrevista que aconteceria a partir daquele momento.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas. Ou seja, elaboramos previamente um guia para a entrevista, mas na medida em que os participantes do estudo respondiam as perguntas, elaborávamos outras questões para aprofundarmos o nosso entendimento das respostas deles. Este guia continha as seguintes questões: (1) Qual o seu nome e seu curso? (2) Você assistiu algo sobre os Jogos Paralímpicos? (3) O quê você assistiu? (4) Por quanto tempo? (5) O fato de você ter assistido este evento mudou alguma coisa na forma com que você percebe as pessoas com deficiência? Como? Você poderia exemplificar? (6) Os Jogos Paralímpicos te inspiraram de alguma forma? Como? (7) Você já teve contato direto com uma pessoa com deficiência? De que forma? (8) A forma com que você se relaciona com as pessoas com deficiência mudou após ter assistido os jogos? Como? (9) O que você pensa sobre as pessoas com deficiência em geral depois de ter assistido os Jogos Paralímpicos? Como era a sua percepção antes?

Análise

Realizamos uma análise temática dos dados²⁴, tomando como base os temas recorrentes nas falas dos entrevistados que se aplicavam ao objetivo deste estudo. Para garantir a anonimidade dos participantes, utilizamos pseudônimos na apresentação dos

resultados. Para a análise dos dados, utilizamos a TCEG. Para melhor contextualizar a nossa discussão, apresentaremos a seguir alguns dos principais pressupostos desta teoria.

Resultados e Discussão

Teoria do Contato Entre Grupos

A TCEG surgiu entre 1930 e 1940 no campo da psicologia social. Ela trata de relações entre diferentes grupos e pessoas em um contexto social². De acordo com Pettigrew²⁵, a TCEG foi idealizada em 1947 após a Segunda Guerra Mundial, por Watson e Willians ganhando força com o trabalho de Allport²⁶, *The Nature of Prejudice*. Este trabalho vem impulsionando diversos estudos que relacionam o contato entre grupos com a diminuição do preconceito dos membros de um grupo para com o outro. Pettigrew², por exemplo, realizaram uma meta-análise de 515 estudos, que ao todo envolveram mais de 250.000 participantes. Eles concluíram que o contato entre grupos tende a reduzir o preconceito. De acordo com os mesmos, 94% dos estudos analisados encontraram efeitos positivos do contato entre grupos para minimizar desentendimentos entre eles, sejam esses causados por questões étnicas, raciais, sexuais ou por achar o outro incapaz devido à alguma de suas características físicas, mentais ou intelectuais. Estes autores também observaram que algumas condições apontadas por Allport²⁶ facilitam os efeitos da TCEG: (1) status semelhantes entre os grupos no contexto; (2) objetivos em comum; (3) cooperação entre os grupos; (4) suporte de autoridades ou leis. De acordo com Tropp e Pettigrew²⁷, os efeitos positivos da TCEG são significativamente maiores entre os membros dos grupos de status majoritário do que entre os membros dos grupos de status minoritário. O status, de acordo com os autores, é definido pelo poder, histórico do grupo, e como os sujeitos que pertencem a ele são percebidos perante a sociedade.

Alguns estudos vêm também enfatizando a importância de uma determinada forma de contato entre grupos para a minimização de preconceitos: o contato indireto²⁻⁷. Este tipo de contato pode ocorrer de diferentes formas:

“**Contato imaginado**”: acontece através de algum tipo de simulação mental de interações intergrupais positivas entre os sujeitos^{3,6};

“**Amigos em comum**”: ocorre quando se tem algum amigo que se relaciona com pessoas de outro grupo, fazendo com que as pessoas deste outro grupo se tornem mais aceitáveis²;

“**Transferência secundária**”: se efetiva quando o contato com um primeiro grupo de pessoas reduz o preconceito em relação a grupos secundários que estejam a ele relacionados e que não tenham participado diretamente do contato realizado⁴⁻⁵.

Paolini³, afirmam que em alguns casos o contato indireto, momentaneamente, pode ser até ser mais eficaz do que o contato direto, uma vez que ele se dá em um ambiente mais controlado. Ele diminui os riscos do que os autores Stephan e Stephan²⁸, Wright²⁹, Plant e Devine³⁰ chamam de “ansiedade intergrupar”, que por sua vez se constitui na principal causa de um possível contato negativo entre os grupos. Este tipo de ansiedade tem implicações comportamentais, cognitivas e afetivas negativas devido a preconceitos que geram um sentimento de ameaça.

Percebendo o outro: a capacidade desconhecida

As falas da maioria dos entrevistados revelaram que eles costumavam ter baixas expectativas em relação às capacidades das pessoas com deficiência, com uma forte tendência

de percebe-las como “coitadas” e/ou de se surpreenderem com os feitos dos atletas paraolímpicos. Vide, por exemplo, as passagens abaixo:

“Ah, a gente pensa que essas pessoas que têm deficiência não são capazes de fazer nada [...] Antes se eu via um deficiente tinha pena dele, pensava “coitado, imagine a vida dele!” (ENRICO, QUÍMICA)

“Você não espera que uma pessoa com deficiência possa fazer tudo aquilo. É surpreendente! [...] Parece que todas as ideias que eu tinha delas mudaram [...]. Elas são mais capazes do que a gente pensa! A gente tem aquela ideia de que pessoas cegas, sem membro, que usam cadeira de rodas, são dependentes. Que não conseguem fazer nada sozinhas. Mas os Jogos mostram que elas são mais capazes!” (ELIANA, ECONOMIA).

Figueiredo¹⁸, Hardin e Hardin¹⁹, Marques²⁰, Schell e Duncan²¹ alertam que discursos que evocam sentimentos de pena e compaixão em relação as pessoas com deficiência vem sendo historicamente reproduzidos pela mídia, potencializando preconceitos e estigmas em relação à estas pessoas. Alguns movimentos sociais, organizações e intelectuais vem combatendo estes discursos e propondo que a mídia enfatize mais os potenciais e feitos esportivos dos atletas do que as suas deficiências e supostas limitações. Exemplo de esforços neste sentido foram os guias para a mídia que foram produzidos pela Associação Britânica Paralímpica⁸, o Comitê Paralímpico Internacional¹¹ e Pappous e Souza¹³.

Notamos a partir dos relatos de nossos entrevistados que houve uma mudança na forma com que eles percebem as PCD após assistirem os JP, principalmente em relação às capacidades destas pessoas. Isso vai ao encontro do pressuposto de outros autores que estudam a teoria do contato, e mais especificamente o papel do contato indireto, que defendem que pode existir uma diminuição do preconceito por parte dos membros de um grupo sobre membros de outro grupo, mesmo que o contato não aconteça “cara-a-cara”^{2,6,7}.

“Aí, quando você vê os vídeos [dos JP], você acha super legal o que elas conseguem fazer! Você percebe que eles podem fazer bem mais coisas, e melhores do que você imaginava!” (ENRICO, QUÍMICA).

Nos exemplos abaixo, podemos novamente identificar o efeito do impacto das notícias relativas aos JP nos entrevistados. Ao assistirem os feitos esportivos dos atletas, eles passaram a perceber capacidades não antes imaginadas que as PCD podem ter.

“Foi impressionante! [...] Eles fazendo tudo aquilo! Não pensei que eles podiam fazer tudo aquilo! Fiquei impressionada! São incríveis!” (KARINE, BIOLOGIA).

“Surpreendente! Você não espera aquilo deles, sabe? Você vê eles e fica de boca aberta vendo o que eles estão fazendo! Você não tem ideia do que esses deficientes conseguem fazer! É demais!” (FAGNER, ADMINISTRAÇÃO).

Os exemplos acima demonstram que os atletas paraolímpicos e seus feitos foram fatores primordiais na mudança de percepção de nossos entrevistados em relação às PCD. Nestes casos, houve um contato indireto, via “transferência secundária”⁴⁻⁵, visto que os entrevistados se referem diretamente aos atletas com deficiência e seus feitos, e mesmo assim, demonstraram uma percepção diferente em relação a outras PCD não atletas.

Dois participantes da pesquisa que já tinham conhecimento sobre os Jogos e que também já haviam convivido com pessoas com deficiência não demonstraram preconceitos em relação às PCD. Para eles, o fato de alguém ter uma deficiência não os torna menos capazes.

“Eu já tinha assistido às Paralimpíadas passadas também, antes dessa. Então acho que [a capacidade deles] é normal. Apesar das limitações físicas deles, eu não vejo muita diferença assim. Ter a limitação física não quer dizer que a pessoa não seja capaz de fazer coisas que pessoas sem limitação física conseguem” (ANDRÉ, ENGENHARIA MECÂNICA).

*“Ah na verdade eu acho que sempre tive uma percepção desde o Pan-Paralímpico que teve no Rio. Sempre vi que o Brasil ia super-bem assim! E tendo convivido com algumas pessoas com deficiência, sempre soube que tipo a questão da capacidade, porque a minha mãe era professora e uma ex-aluna dela era medalhista e era cega, e tinha deficiência auditiva. Então sempre tive essa visão de capaz [...]. Eu acho que muitas vezes as pessoas veem as pessoas com deficiência como pessoas que são tipo ‘ai coitados!’, ou que não conseguem fazer, sendo que elas são tipo Fo**se, tão fazendo, levam a vida normal, entendeu?”* (THIAGO, ENGENHARIA CIVIL).

A maneira com que os interlocutores acima viam as PCD já havia sido modificada em um contato indireto anterior com PCD através das Paralimpíadas e Jogos Parapan Americanos. A partir deste contato, eles passaram a perceber estas pessoas como capazes. Mudanças similares foram observadas em um estudo de Carew, Noor e Burns³¹. Estes pesquisadores averiguaram o impacto dos JP de Londres 2012 sobre as mudanças na percepção dos participantes da pesquisa a respeito de PCD e nos comportamentos no relacionamento delas com as mesmas. Ao final, eles concluíram que a experiência com os JP foi capaz de modificar a percepção dos participantes da pesquisa deles em relação às competências (ex. inteligência, capacidade, eficiência, habilidade, confiança) das PCD. Estes autores identificaram também um aumento na empatia e redução da ansiedade em relação as PCD por parte de seus entrevistados, o que auxiliou na diminuição do preconceito deles em relação às PCD.

Convivendo com o outro: A força do contato direto

Treze dos 50 estudantes que entrevistamos não mudaram significativamente a forma com que percebem as PCD a partir de sua experiência com os JP. Estes disseram que já haviam tido contato com uma PCD seja na família, trabalho ou no âmbito do lazer. O fato de eles conhecerem diretamente alguém com uma deficiência aparentemente amenizava possíveis preconceitos relacionados às PCD:

“Sempre soube das capacidades dele [irmão], onde ele poderia chegar. Ele tem determinação, ele se esforça, e é muito bom! Se ele quiser pode chegar nas Paraolimpíadas também! Os jogos são importantes para as pessoas que não conhecem a deficiência. Eles mostram que as pessoas, mesmo com deficiência, conseguem participar de uma competição e não são dependentes por causa das suas limitações” (ANA JULIA, ODONTOLOGIA, POSSUI UM IRMÃO COM DEFICIÊNCIA).

“As pessoas têm preconceito das pessoas que têm algum tipo de deficiência, porque elas não atendem um padrão que a sociedade impõe, de corpo, de normalidade. Mas eles são normais, conseguem fazer tudo! Meu pai, ele sofreu um acidente faz um tempo, ele amputou a perna eu sei das capacidades dele! Ele pode fazer tudo!” (FÁBIA, ENFERMAGEM, CONVIVE COM PAI QUE TEM DEFICIÊNCIA).

O contato direto de treze de nossos entrevistados com uma pessoa com deficiência proporcionou a eles uma perspectiva de mais empatia e confiança nas capacidades das PCD. Eles demonstraram saber que não necessariamente a deficiência limita o potencial e a performance intelectual e/ou física de uma PCD.

Alguns estudos longitudinais baseados na TCEG demonstram que a convivência entre grupos de pessoas consideradas “normais” com pessoas estigmatizadas tende a promover uma melhoria no tratamento de um grupo para com o outro ao longo do tempo. Sidanius, Levin, Van Laar e Sears³², por exemplo, realizaram uma pesquisa em que acompanharam estudantes da Universidade da Califórnia em Los Angeles por quatro anos. Eles verificaram que na medida em que estudantes conviviam com colegas de outras etnias (brancos, asiáticos, latinos e afro-americanos), muitos constituíram amizades entre si. Quanto maior o número de amizades interétnicas que foram sendo formadas, maiores eram as chances de eles fazerem novas amizades com pessoas de outras etnias. De acordo com os autores, a convivência com amigos de diferentes etnias ajudava os estudantes a reduzir preconceitos existentes relacionados com a procedência étnica dos seus colegas. Eller e Abrams³³ analisaram o contato direto entre dois grupos distintos (Mexicanos e Americanos) no ambiente de trabalho e verificaram as mudanças de atitude e comportamento entre estes grupos ao longo de dois anos. Ao final, concluíram que o contato entre grupos, sem interações significativas, não gerou efeitos longitudinais expressivos na forma com que os grupos se percebiam e se tratavam. Entretanto, nos casos onde houve contatos mais pessoais, observou-se uma redução da distância social e, potencialmente, do preconceito.

Outros participantes que tiveram contato direto com PCD por conta da proximidade de alguém que possui um membro da família com deficiência também demonstraram ter menos preconceito. Isto pode ser observado, por exemplo, na fala abaixo.

“Tenho uma amiga que o irmão dela tem o braço atrofiado e faz natação. Já fui ver ele competir. Ele é muito melhor do que eu [pausa]. E vendo ele, percebo que as pessoas que tem deficiência, tipo, não é por causa da deficiência que elas não conseguem fazer as coisas que elas querem” (VIVIAN, ODONTOLOGIA, AMIGOS, POSSUI PARENTES COM DEFICIÊNCIA).

Pettigrew², afirma que o fato de se conhecer alguém que convive com uma PCD pode tornar a PCD mais aceitável. Esse tipo de contato prepararia a pessoa para o contato direto, uma vez que pode promover um aumento de empatia e a redução da ansiedade em relação ao outro. Isto tudo pode levar a uma diminuição de preconceito e contato mais positivo com as outras pessoas e com as suas supostas diferenças.

Conclusões

A maioria dos acadêmicos entrevistados mudaram a sua percepção em relação às PCD em função dos JP. Esta experiência lhes propiciou um contato, mesmo que indireto, com as capacidades das mesmas. Isto, por sua vez, gerou uma diminuição de preconceitos em relação às estas pessoas, principalmente no caso dos estudantes que não haviam tido contato direto com as mesmas antes dos Jogos. No caso dos entrevistados que já haviam convivido ou conviviam com PCD, o contato com os atletas com deficiência através da mídia não proporcionou mudanças significativas em sua percepção em relação às PCD. Eles aparentemente já tinham uma visão menos preconceituosa em relação às mesmas.

Os resultados deste estudo reafirmam a tese da TCEG de que tanto o contato direto quanto o indireto com grupos distintos podem servir como um meio para a diminuição de preconceitos. Sabemos, no entanto, que apenas o contato por si só não é suficiente para que se acabe com o preconceito e a discriminação. Conforme discutimos anteriormente, o contato, dependendo de como ele acontece, pode inclusive reforçar preconceitos e segregação. Por isto, se possível, o contato deve ser associado à ações educativas que possam alavancar resultados positivos a partir do mesmo. Desta forma, ele pode servir como uma importante

ferramenta para a transformação das percepções da população em geral em relação à estas pessoas.

O presente trabalho, de cunho exploratório, reflete os resultados da pesquisa que realizamos com 50 universitários. Estes, por sua vez, constituem em um grupo de pessoas com um perfil distinto da população em geral. Portanto, as conclusões aqui apresentadas não podem ser generalizadas. Mas conforme afirmamos anteriormente, estamos realizando entrevistas com outros grupos de interlocutores. Pretendemos, no futuro, contrastar as percepções dos diferentes grupos pesquisados para que possamos desenvolver uma visão mais abrangente e aprofundada dos diferentes pontos de vista envolvidos na problemática de nossa pesquisa. Para finalizar, ressaltamos que outros estudos são necessários para verificar se as supostas mudanças de percepção que ocorreram e/ou venham a ocorrer, conseguem se sustentar no longo prazo.

Referências

1. Goffman E. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC; 2015.
2. Pettigrew TF, Tropp LR, Wagner U, Christ O. Recent advances in intergroup contact theory. *Int J Intercult Relat* 2011;35(3):271–280. Doi: 10.1016/j.ijintrel.2011.03.001
3. Paolini S, Hewstone M, Cairns E, Voci A. Effects of direct and indirect cross-group friendships on judgments of Catholics and Protestants in Northern Ireland: The mediating role of an anxiety-reduction mechanism. *Pers Soc Psychol Bull* 2004;30(6):770–786.
4. Pettigrew TF. Secondary transfer effect of contact: Do intergroup contact effects spread to noncontacted outgroups? *Soc Psychol (Gott)* 2009;40(2):55–65.
5. Tausch N, Hewstone M, Kenworthy JB, Psaltis C, Schmid K, Popan JR, et al. Secondary transfer effects of intergroup contact: Alternative accounts and underlying processes. *J Pers Soc Psychol* 2010;99(2):282–302.
6. Dovidio JF, Eller A, Hewstone M. Improving intergroup relations through direct, extended and other forms of indirect contact. *Group Process Intergr Relat* 2011;14(2):147–160.
7. Lemmer G, Wagner U. Can we really reduce ethnic prejudice outside the lab? A meta-analysis of direct and indirect contact interventions. *Eur J Soc Psychol* 2015;45(2):152–168. Doi: 10.1002/ejsp.2079
8. British Paralympic Association [Internet]. Guide to Reporting on Paralympic Sport [acesso em 20 de julho de 2020]. Disponível em: https://storage.googleapis.com/paralympics-footer/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport.pdf
9. De Léséleuc E, Pappous A, Marcellini A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. *Apunts Educ Fis Deportes* 2009;3(97):80–88.
10. Howe PD, Silva CF. The fiddle of using the Paralympic Games as a vehicle for expanding [dis]ability sport participation. *Sport Soc* 2018;21(1):125–136. Doi: 10.1080/17430437.2016.1225885
11. International Paralympic Committee [Internet]. Guide to reporting on persons with an impairment [acesso em 20 de julho de 2020]. Disponível em: https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf
12. Hardin B, Hardin M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. *Adapt Phys Act Q* 2003;20(3):246–259.
13. Pappous A, Souza DL [Internet]. Guia para a mídia: Como cobrir os jogos paralímpicos Rio 2016. [acesso em 20 de julho de 2020]. Disponível em: <https://static.kent.ac.uk/media/news/2016/05/GUIA-paralimpicos.pdf>
14. International Paralympic Committee [Internet]. Paralympic Games [acesso em 24 de abril de 2019]. Disponível em: <https://www.paralympic.org/paralympic-games/summer>
15. Santos SM, Furtado S, Poffo BN, Velasco AP, Souza DL. Mídia e jogos paralímpicos no Brasil: A cobertura da Folha de S.Paulo entre 1992 e 2016. *Rev Bras Ciências do Esporte* 2018;41(2):190-197.
16. Marques RFR. A contribuição dos jogos paralímpicos para a promoção da inclusão social: O discurso midiático como um obstáculo. *Rev USP* 2016;(108):87-96.
17. International Paralympic Committee [Internet]. About Us [acesso em 24 de abril 2019]. Disponível em: <https://www.paralympic.org/the-ipc/about-us>
18. Figueiredo TH. Do coitadinho ao super-herói: Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. C- *Legenda* 2014;(30):48-58.

19. Hardin MM, Hardin B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. *SOSOL: Sociol Sport Online* 2004;7(1):1–14.
20. Marques RFR, Gutierrez GL, Almeida MAB, Menezes RP. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico : o ponto de vista de atletas brasileiros. *Movimento* 2014;20(3):989–1015.
21. Schell AL, Duncan MC. A content analysis of CBS’s coverage of the 1996 Paralympic Games. *Adapt Phys Act Q* 1999;(16):27–47.
22. Silva CF, Howe PD. Difference, Adapted physical activity and human development: Potential contribution of capabilities approach. *Adapt Phys Act Q* 2012;29(1):25–43.
23. Gonçalves GC, Albino BS, Vaz AF. O herói esportivo deficiente: Aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: Pires GL, editor. “Observando” o Pan Rio/2007 na mídia. Florianópolis: Tribo da Ilha; 2009, p. 149–167.
24. Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. *Qual Res Psychol* 2006;3(2):77–101.
25. Pettigrew TF. Intergroup contact theory. *Annu Rev Psychol* 1998;49(1):65–85. Doi: 10.1146/annurev.psych.49.1.65
26. Allport GW. The nature of prejudice. 25.ed. Boston: Addison-Wesley; 1954.
27. Tropp LR, Pettigrew TF. Relationships between intergroup contact and prejudice among minority and majority status groups. *Psychol Sci* 2005;16(12):951–957. Doi:10.1111/j.1467-9280.2005.01643.x
28. Stephan WG, Stephan CW. Intergroup Anxiety. *J Soc* 1985;41(3):157–175. Doi: 10.1111/j.1540-4560.1985.tb01134.x
29. Wright SC, Aron A, McLaughlin-Volpe T, Ropp SA. The extended contact effect: Knowledge of cross-group friendships and prejudice. *J Pers Soc Psychol* 1997;73(1):73–90.
30. Plant EA, Devine PG. The antecedents and implications of interracial anxiety. *Personal Soc Psychol Bull* 2003;29(6):790–801.
31. Carew MT, Noor M, Burns J. The impact of exposure to media coverage of the 2012 Paralympic Games on mixed physical ability interactions. *J Community Appl Soc Psychol* 2018;(1):1–17.
32. Sidanius J, Levin S, Van Laar C, Sears DO. The diversity challenge: Social identity and itnergroup relations on the college campus. New York: Russell Sage Foundation; 2008.
33. Eller A, Abrams D. Come together: Longitudinal comparisons of Pettigrew’s reformulated intergroup contact model and the Common Ingroup Identity Model in Anglo-French and Mexican-American contexts. *Euro J Soc Psychol* 2004;34(3):229–256. Doi: 10.1002/ejsp.194

Agradecimentos: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

ORCID dos autores:

Doralice Lange de Souza: <https://orcid.org/0000-0001-7330-6156>

Augusto Moreira Marques: <https://orcid.org/0000-0002-5616-2274>

Antonio Luis Fermino: <https://orcid.org/0000-0003-0709-0152>

Recebido em 06/05/19.

Revisado em 30/11/19.

Aceito em 17/12/19.

Endereço para correspondência: Doralice Lange de Souza. Av. Senador Salgado Filho, 1800, casa 11. Guabirota, Curitiba, PR, CEP 81510-001 . E-mail: dora@ufpr.br